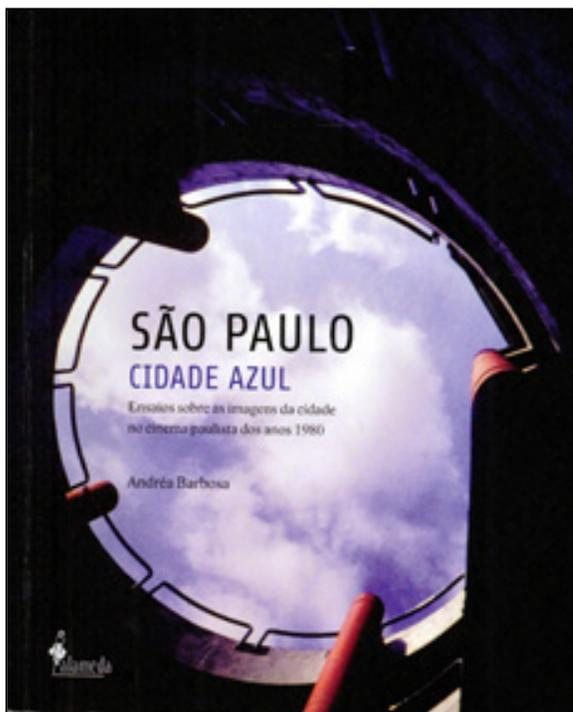


Sobre Barbosa, Andréa. *São Paulo Cidade Azul: Ensaio sobre as imagens da cidade no cinema paulista dos anos 1980*. São Paulo: Alameda, 2012. 256 pp., ISBN 978-85-7939-092-0.

por Fernanda Silva*



O recente lançamento de *São Paulo Cidade Azul: Ensaio sobre as imagens da cidade no cinema paulista dos anos 1980*, da antropóloga Andréa Barbosa, traz ao campo das discussões cinematográficas abordagens da área de estudos das ciências sociais, por um viés antropológico. Este livro resulta de sua pesquisa de doutorado finalizada em 2003 na Universidade de São Paulo (USP) e chega ao público por meio da editora Alameda. A

autora, que também é documentarista, realizou juntamente a esta pesquisa o filme *O resto é o dia a dia* (2001), parte de três movimentos que afirma ter utilizado para construir toda a sua análise a respeito do discurso audiovisual presente no conjunto dos sete filmes dos anos 1980 que selecionou.¹

Ver, olhar e enxergar constituem os três parâmetros que nortearam a interpretação de Andréa Barbosa na construção da análise fílmica. Análise construída através de uma narrativa ensaística que remete à própria linguagem audiovisual. Ver foi o primeiro movimento mobilizado no seu processo de

¹ Os filmes analisados são: *Disaster Movie* (Wilson Barros, 1979), *Diversões Solitárias* (Wilson Barros, 1983), *Cidade Oculta* (Chico Botelho, 1986), *Anjos da Noite* (Wilson Barros, 1987), *Anjos do Arrabalde* (Carlos Reichenbach, 1987), *A Dama do Cine Shangai* (Guilherme de Almeida Prado, 1988), *Wholes* (Cecílio Neto, 1991).

“desnaturalização” do olhar sobre a cidade de São Paulo. Dialogando com teóricos como Pierre Sorlin, a autora demonstra que a visão não é um atributo natural, mas um conhecimento que é construído social, cultural e historicamente, sendo por isso mesmo necessário o aprendizado das regras a respeito da linguagem visual.

Como moradora da cidade ela assume que foi preciso encontrar diferentes maneiras de ver a cidade nas suas experiências cotidianas, para perceber novas e outras possibilidades de conhecer uma São Paulo que se oferece de diferentes formas para aqueles que se atentam aos pormenores. Dessa maneira, os ensaios trazem uma cidade que tem corpo e que é dotada de ambigüidades, pois “abriga o lixo e a joia, o efêmero e o eterno” (2012: 41), e que pode ser paisagem e personagem nos filmes que a recriam.

O olhar, como segundo movimento da pesquisa, deu-se através da análise filmica, em que distingue as diferentes cidades sonhadas, imaginadas e recriadas pelos cineastas. Portanto, os filmes se tornaram campo de investigação no qual foi possível problematizar as relações vivenciadas pelos personagens/indivíduos com a metrópole. Por fim, o enxergar, enquanto terceiro parâmetro da pesquisa, desenvolveu-se juntamente com o auxílio da câmera e foi construído a partir dos parâmetros anteriores. Enxergar fez parte da reconstrução da São Paulo descoberta pela autora por meio de um discurso audiovisual que pode ser conhecido pelo leitor, na íntegra, no site <http://www.lisa.usp.br/producao/videos/catalogoRestoDiaDiaWMV.shtml>.

Parafraseando seu filme, uma São Paulo de todos e de cada pessoa. São Paulo vista e vivida por cada sujeito entrevistado, e São Paulo de Andréa Barbosa, que pode ser enxergada pelo espectador como a cidade dos arranha-céus e dos pontos turísticos (Estação da Luz, Correios, etc.), mas também a cidade do afeto e dos desafetos, como diz um entrevistado que fora impelido a definir a cidade em três palavras: “Cruel, masoquista e amorosa”.

O livro está estruturado em sete capítulos e conta com o prefácio de Rubens Machado Jr., professor da Escola de Comunicação e Artes da USP e especialista em cinema brasileiro. A escrita dos capítulos é feita de maneira

cuidadosa e nos propicia conhecer uma São Paulo cinematográfica dos anos 1980, boa para “pensar a questão de uma cidade escolhida para encarnar a identidade de uma geração do cinema brasileiro” (2012: 109). Construída por um grupo de jovens cineastas, influenciados pelos padrões estéticos da *nouvelle vague* e dos filmes *noir* e que romperam com a estética do cinema novo e do cinema marginal, mas ainda assim buscaram a identificação de brasileiros e paulistas. Por isso mesmo foram nomeados como “novo cinema paulista”, “cinema da vila” (em referência ao bairro Vila Madalena), dentre outros. A autora faz um recorte temático em sua análise, privilegiando São Paulo e as diversas relações dos indivíduos com a metrópole em detrimento de outros elementos fílmicos tão caros ao cinema. No entanto, retoma com atenção uma década no cinema brasileiro que corresponde ao que Rubens Machado Jr. chamou de controversa e não muito bem vista no que se refere ao cinema realizado e a cidade nele representada.²

O cinema é entendido como parte da vida social, podendo possibilitar ao espectador construir sentidos ao mundo em que vive e a sua própria experiência no mundo. Por isso, a autora destaca questões como imagem, imaginação e memória e ressalta que tais ideias são presentes tanto na construção fílmica quanto na recepção dos mesmos pelos espectadores. A cidade fílmica passa a fazer parte da vida, o imaginário fílmico se embrenha à experiência cotidiana do indivíduo.

De modo bastante claro, a cidade de São Paulo é decifrada nas imagens como uma cidade que é recriada no cinema por meio de signos que estimulam a memória e a imaginação do espectador. Barbosa nos delineia uma São Paulo azul, adjetivo escolhido para intitular seu livro, uma cor presente nas cenas noturnas da maioria dos filmes, técnica vastamente utilizada pelo cinema hollywoodiano. O azul pode transmitir ao espectador diversas sensações como frieza, umidade ou tristeza, mas também beleza estética de um jogo cênico entre luzes e sombras, muito explorado nos filmes.

² Prefácio do livro aqui resenhado, por Rubens Machado Jr.

A cidade é um espaço que permite diversas possibilidades dos indivíduos se relacionarem com o mundo. Abriga o caos, a miséria, a solidão, a marginalidade (*outsiders*), retratada nas cenas noturnas e ao mesmo tempo tem brechas (frestas) que permitem aos indivíduos viverem o afeto, a amizade e o amor. As frestas ganham destaque na análise; são elas que permitem enxergar outras cidades além da São Paulo cosmopolita da Avenida Paulista, da Estação da Luz, dos *skylines* dos prédios imensos que abarcam tanto o ódio como o amor. A cidade fílmica é completamente ambígua porque a vida também o é. E os sujeitos constroem sua sociabilidade e subjetividade nas metrópoles de diferentes formas. As ciências sociais são o arcabouço teórico que a autora utiliza para discutir tais questões: teóricos como Georg Simmel e Michel Maffesoli são mobilizados como aporte.

O livro de Andréa Barbosa privilegia assuntos como imagem, imaginário e memória. E o cinema enquanto experiência sinestésica capaz de operar tais questões é visto como uma arte em potencial a ser mobilizada pelos sujeitos em suas experiências cotidianas. A leitura do livro instiga o leitor a revisitar esse conjunto de filmes e a olhar com novos e outros olhos a cidade de São Paulo atual, e também recriá-la; a cidade-azul, e a cidade-mulher de Andréa Barbosa, ou tantas outras São Paulo do imaginário de cada um e de todos.

* Fernanda Silva é mestranda do Programa de Pós- Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) - Guarulhos/SP, Brasil - e membro do Grupo de Estudos Visuais e Urbanos (VISURB) na UNIFESP. E-mail: ferd_oli@hotmail.com